

ARTE, CATEQUESE E EDUCAÇÃO: A construção do imaginário social do guarani missioneiro no Paraguai colonial (1588-1776)

Silvino Aréco

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPNV

silvinoareco@yahoo.com.br

RESUMO

A Companhia de Jesus foi fundada por Inácio de Loyola no ano de 1534. Loyola juntamente com um grupo de estudantes da Universidade de Paris, fizeram votos de obediência à doutrina da Igreja Católica e foram reconhecidos como Ordem Religiosa por bula papal em 1540. Os primeiros jesuítas que chegaram ao Paraguai em 1588 vieram do Brasil. O objeto do artigo é analisar como foi implantada a cultura ocidental nas reduções jesuíticas do Paraguai (1588-1767). O objetivo geral foi fazer uma breve análise de como se deu as atividades educacionais, culturais e econômicas nas reduções. As opções teóricas e metodológicas estão fundamentadas no materialismo histórico e dialético objetivando conferir historicidade ao objeto, buscando-se fugir da abordagem dominante. Ao dar historicidade ao objeto impôs a esta análise desvendar as contradições e os antagonismos resultantes da conquista europeia e, conseqüentemente, descrever as particularidades destas. A pesquisa foi fundamentada na coleta de dados em fontes documentais e bibliográficas. Ao trabalhar as diferentes formas das relações que foram instituídas nos empreendimentos jesuíticos pudemos elucidar a herança dessa ordem religiosa católica na disseminação da cultura ocidental, imprescindível para a reprodução das relações sociais do modo de produção capitalista na época moderna. Vale a pena ressaltar que este artigo está inserido em um projeto de pesquisa, mais amplo, que foi a tese de doutoramento do autor, na condição de bolsista da CAPES.

Palavras-Chave: Companhia de Jesus, Instituições Religiosas, Educação, Catequese, Imaginário Social.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é fazer uma breve análise de como se deu as atividades educacionais e catequéticas nas reduções jesuíticas do Paraguai. A delimitação temporal abrangeu desde a chegada dos jesuítas no Paraguai 1588, até a sua expulsão das possessões espanholas em 1767. A delimitação espacial do estudo se prendeu à Província do Paraguai. A opção teórico-metodológica visou conferir historicidade ao objeto, buscando-se fugir da abordagem dominante. Ao dar historicidade ao objeto impôs a análise desvendar as contradições e os antagonismos resultantes da conquista europeia. E, por conseguinte, descrever as particularidades destas relações nas reduções jesuíticas do Paraguai. A pesquisa foi efetivada em fontes primárias e secundárias. O artigo está estruturado em uma introdução, onde apresentamos o tema, a metodologia utilizada. Subdividimos o artigo em dois tópicos. No primeiro tópico fazemos uma reconstituição histórica da chegada dos primeiros jesuítas ao Paraguai, entre os anos de 1588 a 1615. No segundo tópico descrevemos os povoados missioneiros (1588-1767), e como foi efetivada a catequização e a educação, destacamos que estiveram amparadas na utilização e na produção de imagens, pinturas, procissões, festividades, teatros, cantos, danças. Nas considerações finais destacamos que naquele contexto social e histórico a síntese do encontro de duas culturas distintas (Guarani e Europeu) resultou em uma produção social com características particulares no Paraguai Colonial, inseridos no caráter universalizante de acumulação primitiva do capital.

1. OS PRIMEIROS JESUÍTAS NO PARAGUAI E AS REDUÇÕES INDÍGENAS

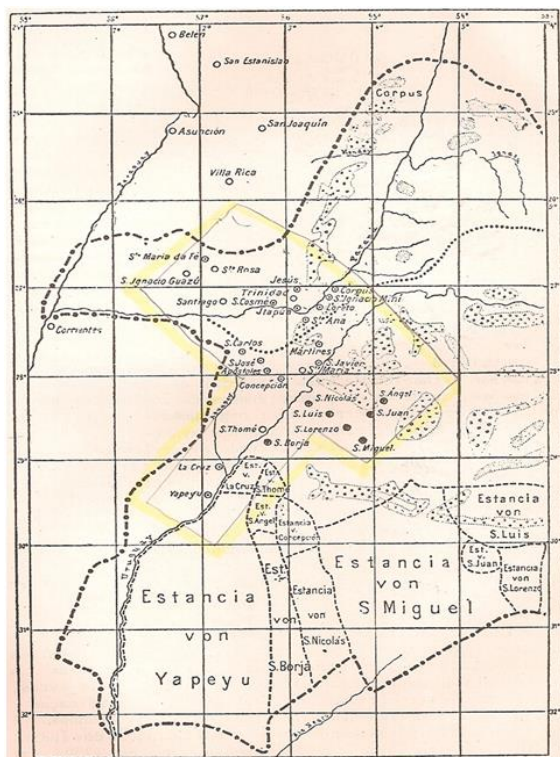
De acordo com Meliá (2004), os franciscanos foram os primeiros organizadores de reduções no Paraguai, entre os anos de 1580 a 1615. Frei Luis de Bolaños e Frei Alonso Buenaventura foram os protagonistas desse audacioso empreendimento. Os primeiros jesuítas que chegaram ao Paraguai em 1588 vieram do Brasil, a pedido do Bispo Alonso de Guerra. Eram os seguintes jesuítas: P. Leonardo Armini, Juan Saloni, Tomás Fields, Manuel Ortega e Esteban Grao, que se juntaram aos Padres Francisco de Angulo e Marcial de Lorenzana, vindos do Peru. Os missionários iniciaram a sua pregação entre os indígenas e brancos em Assunção, no Guairá, Villarica, Ciudad Real, chegando até Xerez na Província do Itatim. O padre Ortega recebeu as primeiras doações de terras em 1594, efetivadas pelo tenente General do Guairá Rui Diaz Gusman, terras na província de Villarica. Os jesuítas tomaram posse das terras em 20 de

julho de 1595 na presença do *Alcaide* Ordinário e do Escrivão da Vila. Em 1604 foi criada a Província Jesuítica do Paraguai e desde então cresceu a influência dos missionários no Paraguai.

1.2. As reduções jesuíticas: sua organização social e econômica

A Companhia de Jesus buscou imprimir estrutura e organização, formulando um projeto amplo e abrangente. Concepção que contemplava todas as dimensões da vida social, política, cultural e religiosa. Sepp (1980) esclarece que para fundação de uma redução, os jesuítas faziam a escolha dos lugares mais elevados e de fácil defesa para se estabelecer. Com alguns índios, iniciavam as plantações e as construções e quando já estavam estabelecidos, vinham às famílias.

Figura 1



Mapa de localização dos trinta povos missioneiros

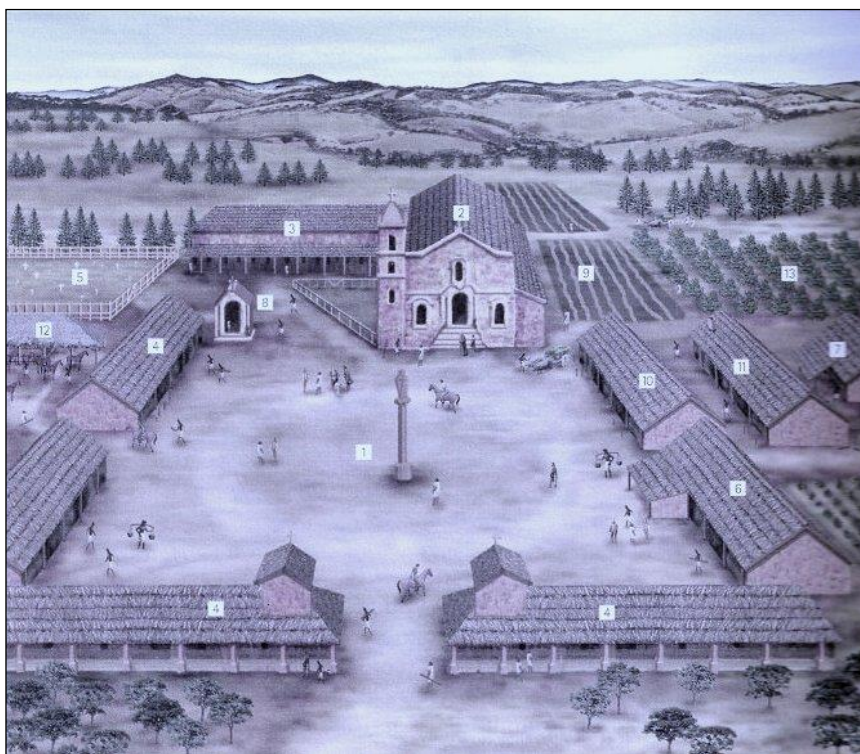
Fonte: <http://www.clarindopampa.com.br/cp/images/stories/1.jpg>

Astrain (1996) descreve que de modo geral, a redução possuía uma praça como centro e a igreja como prédio mais importante. A redução procurou produzir um novo espaço social para os indígenas e era semelhante aos pequenos burgos europeus do século XVI. As reduções seguiam, quase sempre, a mesma forma de urbanização, delimitando o espaço físico com a intenção de inserir os índios aos novos códigos sociais da sociedade que estava se constituindo. Nesta acepção eram demarcadas a igreja e a praça central e, a partir desse núcleo, traçavam-se

as demais construções. Havia a sede administrativa denominada *cabildo*, a escola, o refeitório, as casas para as famílias, as oficinas, o refeitório, o *cotiguaçu* (uma casa especial, destinada às viúvas, às mulheres sozinhas e aos órfãos), a hospedaria e, ainda, a horta e o pomar.

De acordo com Quevedo (2000) a produção econômica das reduções se fundamentou em dois elementos: 1) a propriedade coletiva de todos os meios de produção (o *Tupambaé*), que na linguagem indígena significa a “terra de Deus”, na qual se desenvolviam as atividades agropecuaristas, sob a direção dos jesuítas.

Figura 2



Identificação dos locais na maquete da redução: 1.praça, 2.igreja, 3.colégio, 4. Oficinas, 5. Cemitério, 6. Hospital, 7. Habitações, 8.Capela, 9.Horta, 10. Moinho, 11. Olaria, 12.curral,13. Lavoura.

Fonte: <http://penta2.ufrgs.br/rgs/historia/reducaoMaquete.jpg>

O segundo elemento era a propriedade particular dos meios de produção (o *Amambaé* ou *Avambaé*), onde se praticava a atividade agrícola, por meio do trabalho familiar. As reduções disseminaram-se pelo Paraguai e pelo Rio da Prata, tendo como base legal as *Ordenanças de Alfaro* e alcançaram grande prosperidade e provocaram grandes contradições.

Esse conjunto de construções formava uma vila, a partir da visão organizativa europeia. Objetivando o sucesso da catequese novas formas de expressão foram usadas como formas de persuasão. No sentido de que os indígenas compreendessem os conceitos abstratos,

que as novas expressões continham, foi necessário introduzir o processo educativo. De acordo com Aréco (2008) a catequização e a educação estiveram amparadas na utilização e na produção de imagens, pinturas, procissões, festividades, teatros, cantos, danças, enfim, tudo o que pudesse ser exteriorizado, visível e palpável. Nesta síntese da cultura guarani com o processo de catequização, produziu-se no espaço social da redução um novo acervo de representações e de signos, que foram conduzidos habilmente pelos jesuítas. As imagens religiosas foram importantes instrumentos à disposição dos jesuítas no trabalho de catequização dos guaranis reduzidos.

Figura 3



Gravura da orquestra da redução de São João Batista.
Fonte: *General Archive of Simancas, Valladolid, Spain.*

Haubert (1990) descreve que nas reduções jesuíticas, o ano era naturalmente marcado por festas religiosas e civis. As celebrações possuíam uma particularidade notável que, antes de mais nada, se manifestavam pelo fervor religioso e, também, pelo esplendor da cerimônia. Outro exemplo elucidativo, apresentado por Haubert é que durante o período de quaresma, as quartas e sextas-feiras à noite, após a missa, os homens e os meninos se entregavam à flagelação pública.

A procissão da quinta-feira “santa” era feita à moda espanhola. Compreendia a reunião de trinta crianças ou mais. Cada criança era escoltada por dois homens, que carregavam tochas de fogo em suas mãos. Toda criança carregava a representação de um instrumento que fora utilizado na “Paixão de Cristo”. Após a realização dos eventos religiosos, se utilizavam do toque de trombetas, terminando os espetáculos com a lamentação das mulheres e as flagelações dos

homens. Haubert (1990, p. 233) afirma que: “[...] As manifestações de dor aumentavam na Sexta-Feira Santa. Quando do relato da Paixão, o sofrimento dos índios é tamanho que, ao ver suas lágrimas, o padre muitas vezes não consegue conter as suas e é obrigado a interromper o sermão”.

As expressões catequéticas também se manifestavam nas procissões. Havia a construção de todo um simbolismo nesses eventos, que se materializava na utilização do fogo, com enormes tochas que os indígenas carregavam e também nas grandes cruzes de madeira. Expressões simbólicas do processo de instituição do imaginário social cristão. A sexta-feira “santa” era a de demonstração do sofrimento. Já o sábado de “aleluia” ganhava uma nova configuração. De acordo com Haubert (1990, p. 276): “[...] No sábado de aleluia, *o fuego nuevo*, o “fogo novo”, é aceso diante do pórtico da igreja é aspergido e abençoado pelo padre; cada fiel leva um tição para casa”. Os jesuítas introduziram uma série de inovações culturais no espaço social da redução a destacar: Inseriram a arte sacra; Ensinaram a fabricação de instrumentos musicais e o seu uso; Construíram igrejas e escolas; Ministraram a catequese; Introduziram a atividade escolar; Ensartaram o canto gregoriano e o teatro; Traduziram catecismos para crianças e adultos; Realizaram casamentos coletivos em datas festivas dos padroeiros da igreja; Impuseram uma nova divisão social do trabalho.

Aréco (2008) esclarece que os concílios da Igreja Católica foram sempre enfáticos quanto à importância da veneração das imagens e dos rituais religiosos, como as procissões e a comemoração dos “santos padroeiros”. Os hinos litúrgicos, a veneração dos santos, a harmonia dos sinais na celebração religiosa, a pregação dos padres durante a missa, tinham a intenção de gravar na memória dos guaranis a prática do cristianismo. Todas essas expressões confirmam que a prioridade dentro do espaço social da redução era a instituição dos códigos sociais da sociedade dominante. Neste processo, as procissões exerceram um papel fundamental no cenário barroco contra reformista. Os eventos desta natureza eram sistemáticos e acompanhados de grandes preparativos, mobilizando todos os habitantes da redução e atraindo participantes de outras localidades. As procissões, as festas religiosas, a produção e a utilização de imagens nas reduções, foram atividades em que se ocuparam os guaranis. Percebe-se através dos registros dos jesuítas a importância do uso das imagens, como forma de persuadir os índios a participar frequentemente dos rituais sacros e as orações, seja pela beleza externa dessas imagens, seja pela expressão da hegemonia que elas representavam. As imagens eram usadas na catequese e na educação como marcas distintivas da sociedade dominante. Ela reforçava a

pregação e a *práxis* cotidiana do empreendimento jesuítico. A utilização de imagens com este propósito pode ser reconstituída historicamente. A Igreja Católica, desde o Concílio de Nicéia II, passou a afirmar o valor das “imagens sagradas”. Durante a Idade Média, usou-a em profusão com o sentido catequético.

Figura 4



Arte missioneira

Fonte: <http://farm.staticflickr.com>

No contexto da arte sacra latino-americana, percebe-se que a escultura barroca missioneira ainda é um assunto pouco estudado. As esculturas merecem especial destaque por ilustrarem a originalidade da expressão indígena incorporada aos padrões europeus. Como um marco distintivo da constituição identitária da sociedade guarani-missioneira¹.

Em analogia a produção ao espaço social, de modo geral, a redução possuía uma praça como centro e a igreja como prédio mais importante. Na praça, desenvolvia-se a maior parte das atividades sociais, como as festas, procissões, teatro e outras celebrações. Como não existiam locais específicos destinados às representações teatrais, estas aconteciam nas praças, nas ruas, dentro dos colégios e no interior das igrejas. Kostianovsky (1999) descreve que, os jesuítas recebiam entre os ensinamentos de sua ordem orientações sobre técnicas teatrais, que

¹A identidade se define por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores compartilhados. Nesse sentido, eles se constituem como "grupos étnicos", isto é, um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão, cuja territorialidade é caracterizada pelo "uso comum", pela "sazonalidade das atividades agrícolas, extrativistas e outras e por uma ocupação do espaço que teria por base os laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade. (Koinonia, 2005, p. 6-7)

consideravam mais eficazes e fascinantes para a catequese e para o processo educativo em relação aos longos “sermões”. Os jesuítas começaram a misturar os costumes, como por exemplo, a utilização de elementos do cotidiano indígena como máscaras, pinturas em síntese com os apólogos educativos europeu, isso resultou em espetáculos quase sempre litúrgicos de cunho epistolar. Nestes espetáculos revela-se a síntese e o antagonismo da cultura guarani e europeia. A expressão desse antagonismo se manifestava nos anjos e nas flores nativas, santos católicos e bichos nativos, demônios e guerreiros.

Figura 5



As imagens eram usadas em profusão na catequese e na educação

Fonte: <http://farm.staticflickr.com>

Além de figuras alegóricas como o “temor a Deus” e o “amor de Deus”, as personagens femininas (geralmente as “santas” da Igreja Católica) eram sempre interpretadas por homens travestidos, já que as mulheres eram terminantemente proibidas de participar das encenações. Para Furlong (1938), esta proibição era para “se evitar o excesso de entusiasmo entre os jovens”. Os espetáculos teatrais eram geralmente auto sacramentais, apresentando os “mistérios” do catolicismo. Em geral as peças continham conteúdo doutrinal ou eram de caráter “moralizante” e “edificante”, e eram divididas em dois tipos: as que eram feitas para as cerimônias religiosas e as representadas em ocasiões especiais, como visitas de bispos, superiores da ordem, entre outros. A canonização de Inácio de Loyola, em 1622, motivou a criação de textos que exaltavam a glória do novo “santo” e da Companhia por ele fundada. O aspecto importante das manifestações culturais era a participação efetiva de toda a população das missões. A

participação da sociedade guarani nos eventos idealizado pelos “padres colonizadores” acabou por incorporar a este processo os rituais da cultura tradicional deste povo. Os guaranis tradicionalmente se manifestavam através da dança em suas cerimônias prévias às guerras e à caça. No espaço social da redução, ocorreu a incorporação dessas manifestações lúdicas ao texto teatral europeu.

Figura 6



Escultura Guarani- Missioneira

Fonte: <http://barroco.gctec.com.br/ofjes.htm>

Os jesuítas mantiveram e estimularam a dança, introduzindo-a aos poucos nas peças teatrais. Logo, a síntese por incorporação da dança e do canto guarani ganhou um significado cristão. Devido a esta configuração particular, as apresentações teatrais ganharam terreno no espaço social da redução, se constituindo como uma manifestação coreografada.

Paralelamente ao teatro com finalidade de catequese e de doutrinação, os jesuítas mantinham uma atividade teatral em latim, praticada pelos alunos dos colégios da Companhia de Jesus. Furlong (1938) afirma que as peças teatrais eram sempre revestidas de valores morais, onde sobressaíam repertórios de acontecimentos ocorridos na metrópole ou na colônia. As peças teatrais nos colégios eram escritas pelos próprios estudantes, com auxílio dos padres, geralmente sendo realizadas com músicas e durava em torno de duas horas. A arte foi um instrumental utilizado habilmente pelos jesuítas em seu empreendimento. Todo esse arcabouço introduzido pelos jesuítas no espaço social da redução era desconhecido da cultura tradicional guarani, o que nos leva a refletir sobre o impacto da iconologia cristã incidindo sobre o

imaginário social do guarani reduzido, como também sobre o aspecto técnico deste impacto. Por exemplo, ao fazer uma escultura, o fato do guarani esculpir com novos instrumentos, usando gaivas e cinzel, provocaram uma nova relação social, inseridos em uma nova forma de produção e reprodução de sua existência, acendendo novas necessidades. Temos, portanto, na própria gênese do processo de instituição das reduções, vinculada umbilicalmente com o processo colonizador, a instauração de práticas educativas. Seja a produção de imagens, a representação de peças teatrais ou a educação escolar; sustentadas por uma ortodoxia religiosa católica, dirigida sobremaneira às sociedades indígenas, desdobradas em diversas formas. Ao mesmo tempo em que se estabelecia o processo educativo, os jesuítas introduziram uma nova divisão social do trabalho e um novo modo de produção material. O fundamento do projeto “civilizatório” se instituiu como síntese dialética da educação para o trabalho.

Figura 7



A maioria das esculturas missioneiras conservadas foi confeccionada pelos índios guaranis a partir de modelos europeus, em forma de desenhos ou gravuras.

Fonte: <http://barroco.gctec.com.br/ofjes.htm>

De acordo com Lugon (1977) os guaranis jamais conheceram jornada de trabalho superior a 10, 12, 14 horas, que são correntes tanto na agricultura como na indústria capitalista. Este autor afirma que o regime de trabalho de oito horas se constituía o máximo nas reduções jesuíticas. Em regra, os guaranis não trabalhavam mais de seis horas por dia. O autor assevera que habitualmente os guaranis reduzidos iniciavam o trabalho às nove horas da manhã após a missa, e concluía a jornada durante a tarde. Existindo variações de acordo com o local e as

estações do ano, às três horas, quatro horas, quatro e meia e cinco horas da tarde. A pausa do meio-dia era de duas horas. Lugon esclarece que o trabalho não durava mais que meia jornada. Além disso, a quinta-feira era dia de folga. Lugon (1977, p. 190) afirma que na “República dos jesuítas” a lei do trabalho ao serviço da comunidade não comportava exceções. O autor esclarece que antes da chegada dos padres os caciques não trabalhavam.

Meliá e Temple (2004) descrevem em textos relativos aos primeiros cinquenta anos da invasão, demonstrando a estrutura do trabalho indígena guarani. Os autores afirmam que havia uma divisão sexual do trabalho, como havia também no mundo hispânico. Porém essa estrutura apresentava algumas diferenças significativas. A mulher guarani era quem cozinhava e lavava a roupa e os utensílios domésticos. Era também agricultora que semeava e fazia a colheita, e também transportava a colheita. Nos primeiros anos essa prática permaneceu, porém, os jesuítas modificaram e introduziram lentamente nova forma de trabalho, fazendo com que os homens conjuntamente com as mulheres e as crianças arassem a terra, semassem e fizessem a colheita.

Meliá e Temple (2004) afirmam que a divisão sexual do trabalho se desenvolvia em três categorias centrais: domésticos (cozinhar, lavar), agrícola (semear, colher), e de transporte (transportar os produtos das chácaras). Os “padres colonizadores” conseguiram impor o trabalho a todos. As informações diretas ou indiretas sobre a forma de trabalho exercida pelos guaranis aparecem desde as primeiras documentações relativas ao processo colonizador. Existem repetidas informações acerca da considerável produção agrícola, que pressupõe certa quantidade de tempo de trabalho realizado, como também os meios adequados para o fazer.

Reiterados são os testemunhos históricos que mencionam a abundância de alimentos nas aldeias guaranis. Cabeza de Vaca (1987) Schimdl (1962) descrevem a extensão das atividades dos guaranis na agricultura, na caça, no extrativismo, na pesca e na criação de alguns animais. Os autores apontam que nesse período histórico ocorria certa divisão do trabalho. Durante o processo histórico a ideologia dominante cunhou um estereótipo diferente do relatado, cuja expressão maior era que o indígena era “preguiçoso”, acreditamos que essa visão foi construída primeiramente como um fator ideológico para justificar a violência sobre o nativo. O segundo fator que poderia ter gerado essa visão, vem no sentido de que os “padres colonizadores” e os “encomenderos” fundamentaram suas análises pelo tempo de trabalho exercido pelo guarani e não pela intensidade do trabalho empregado.

Lugon (1977) revela que as mulheres além do trabalho doméstico, executavam trabalhos de costura, jardinagem e lavagem de roupa nos logradouros públicos. Trabalhavam

em grupos nas varandas, nas horas deixadas livres pelas tarefas caseiras. As mercadorias produzidas pelas mulheres eram enviadas aos armazéns no fim de cada dia, ou às quartas-feiras e sábado.

Sobre esses fatos Muratori (1983) afirma que dessa maneira acabou por haver, todos os anos mais tecidos do que o necessário para vestir todos os habitantes da redução. Estas informações revelam que através do trabalho sistematizado, e organizado em uma jornada, os “professores invasores” impuseram a toda sociedade guarani o imaginário social europeu, que atingiu todos os extratos sociais da redução, inclusive as crianças.

Lugon (1977) descreve que as crianças, além do trabalho escolar e dos exercícios de canto e música, realizavam atividades de caça de pequenos animais e extrativismo de frutos, bagos, raízes medicinais e mel. O autor esclarece que os padres autorizavam aos pais a utilizarem as crianças no trabalho de campo. Mesmo as meninas estavam sujeitas ao trabalho comum. A redução era um espaço institucional sob o comando dos jesuítas, que impuseram um sistema de vigilância, que disciplinava e ordenava a vida do grupo dos indivíduos que lhes era subordinado. Em sua carta de 1667 o Padre Andrés de Rada (2010, p. 307-308) revela o controle dos “jesuítas colonizadores” sobre a vida dos guaranis reduzidos:

[...] Superior acerca de que no se permita que en puerto alguno bajen las indias a rescatar yerba, ni otro genero alguno, ni que los indios suban del puerto a sus casas, para que se excussen los inconvenientes que se ocasionan de semejantes subidas y vajadas, y en orden a esto se ordena al Padre que está o estubiese en la doctrina del Corpus, no dilate en hazer la visita de las balsas que van de los pueblos a la yerba, y que quando [no] estuviere, lo haga en su nombre el Corregidor, o otro indio de satisfaccion, con que se excusarán las ocasiones y las quejas de las otras doctrinas.

Haubert (1990) delineia que o padre geral recomendava em 1696, que os curas visitassem regularmente as habitações, eles não deveriam permitir de maneira alguma que várias famílias vivessem sob o mesmo teto, como era comum antes da chegada dos europeus e da conquista. O controle sobre os indígenas na redução foi produzido graças a múltiplas coerções, e originou efeitos regulamentados de poder. Os “padres invasores” imprimiram nesta sociedade seu regime de verdade, uma “política geral” de “verdade”: isto é, a catequese e a educação para o trabalho foram os mecanismos e as instâncias que permitiram distinguir os enunciados “verdadeiros” dos “falsos”. Esta foi a maneira como se sancionou uns e outros; as técnicas e os procedimentos que foram valorizados para a obtenção da verdade. Os “jesuítas colonizadores” tinham o estatuto e o encargo de dizer o que funcionaria como “verdadeiro”. O

guarani foi fixado dentro do sistema de produção, construindo sua visão de mundo dentro das normas e dos saberes constituídos. Operava-se assim uma inclusão por exclusão.

Figura 8



Gravura do Índio Guarani

Fonte: http://stravaganzastravaganza.blogspot.com.br/2011_04_01_archive.html

O sistema de vigilância imposta pelos “padres colonizadores” se efetivou mediante o cumprimento de algumas funções: o braço-de-ferro na produção, o comando da distribuição do alimento, o domínio do tempo, o controle dos corpos e a instauração da catequese, da educação pelo trabalho. Furlong (1962) ressalta que nas missões foi também instituída uma “educação popular mediante o trabalho”, que consistia no ensino de noções e técnicas artesanais e que se diferenciava daquele ministrado para os filhos das lideranças indígenas. Logo, podemos deduzir que o poder que se instituiu na redução incluiu um braço epistemológico e um braço jurídico.

Os “padres colonizadores” instituíram o casamento monogâmico dentro da cultura guarani, que até então era poligâmica, que antes da invasão europeia aceitavam o divórcio e o infanticídio. Objetivando “pregar a moralidade sexual”, os “padres colonizadores” implementaram o casamento a partir dos 15 anos para as moças e dos 17 anos para os rapazes. De acordo com Bruxel (1978) os matrimônios se realizavam de forma coletiva com dezenas de casais da redução. Cada casal tinha em média de três a quatro filhos, e eram orientados pelos religiosos, que os acompanhavam diretamente desde o nascimento, mas principalmente, a partir dos sete anos, enquanto os pais trabalhavam nos múltiplos segmentos de atividades da comunidade.

Lugon (1977) afirma que embora a coordenação das reduções fosse dos jesuítas, cabia aos índios a ação de administração, através de um conselho eleito em cada localidade, compreendendo um corregedor, que seria o presidente ou cacique; um comissário administrativo; dois alcaides que exerciam o papel de "juízes em matéria criminal" e outros dois como oficiais de polícia, entre outros assessores. Foi estabelecida uma espécie de código penal, que previa como pena máxima, a prisão perpétua, depois reduzida para um máximo de dez anos. Neste sentido podemos desvelar a estratégia jesuítica da persuasão das lideranças indígenas para seu projeto colonizador, diferentemente do *encomendero* que se utilizava do argumento da "força bruta". O poder sobre os corpos dos indígenas imposto pelos "padres colonizadores" se materializou na lei para "crimes" de aborto e incesto; além de dois meses a ferros, os implicados ainda eram submetidos a três séries de 25 açoites, no período de aplicação do infortúnio. Vale a pena ressaltar que a "eleição" dos alcaides e dos juízes era coordenada pelos jesuítas, que tinha o direito de veto.

No espaço social da redução o indivíduo era abstraído do tempo de sua vida. Meliá e Temple (2004) destacam outra mudança fundamental imposta pelos jesuítas em relação ao trabalho, foi a instituição do tempo e do ritmo da execução das tarefas. Entrando em profunda contradição com a cultura tradicional guarani. Meliá (2004, p. 53) destaca:

Ya se ha visto que la documentación jesuítica prestó bastante atención a las formas del trabajo guaraní. Sin embargo, preocupado el misionero con una autoexigencia de mayor rendimiento y mayor providencia, es llevado a desconsiderar, sobre todo ideológicamente, el propio potencial de ese trabajo e la fuerza de sus formas.

Lugon (1977) exemplifica o procedimento quando informa que as meninas aprendiam a fiar, a coser, a cozinhar. Os rapazes eram progressivamente iniciados nos trabalhos das oficinas, e eram orientados para os ofícios que correspondiam aos seus "gostos" e "aptidões". Na visão de Lugon (1977) não existia uma cisão entre a vida e a escola, nem a vadiação comum entre os nossos escolares citadinos de hoje. Todos os rapazes passavam várias estações no jardim dos padres, que servia de escola prática de agricultura. Podemos verificar através das informações a introdução do ensino profissionalizante nas reduções. Tanto os ofícios das oficinas, da agricultura e da pecuária, que era obrigatório para todos os habitantes da redução. O autor corrobora que no momento das colheitas abrandava ou, por várias vezes, interrompiam-se as atividades das oficinas. Os artesãos eram obrigados partirem para o campo, assim como as mulheres, as crianças, os conselheiros e os contadores.

Aspecto importante a ser realçado – se refere ao “reforço positivo”, os “melhores” trabalhadores eram citados em ordem do dia pelo padre - que lhes entregavam uma lembrança. A partir das informações de Lugon, e analisando mais detalhadamente o processo, podemos detectar que fatos semelhantes ocorrem nas corporações atuais, que rendem homenagens ao funcionário do mês.

Importante aspecto a ser analisado se relaciona ao fato de que no período de existência do guarani reduzido, esse era propriedade da redução, no trabalho do campo e na manufatura o guarani cumpria uma rotina de horários, severamente vigiada, e do mesmo modo recompensada ou punida. Seu escasso tempo fora do trabalho também era predeterminado. Nessa acepção não havia diferença sistemática entre a redução e as *encomiendas*. Logo, os padres também eram conceitualmente e na prática *ecomendeiros*. Meliá e Temple (2004) esclarecem que a transposição ideológica desta situação é bem conhecida. O trabalho indígena se torna “trabalho de índio” e está transposição desintegrou o sentido do trabalho indígena originário.

Lugon (1977) descreve como se dava o processo de controle do trabalho, quer no campo ou nas oficinas, eram designados inspetores responsáveis que dirigiam e controlavam todo o trabalho. O controle do trabalho nas reduções também se proclamava através da violência como narra Seep (1980 p. 146. Grifo nosso):

Mas nós não conseguimos fazer com que os índios, em sua pura preguiça semeiam mais de uma ou duas rocinhas de 18 passos de grão turco. E mesmo isto só conseguimos com tundas. Ainda domingo passado tornou-se absolutamente necessário passar uma sova em alguns índios que não haviam amanhado a terra e nem haviam procurado encontrar um arado.

Muratori (1983, p. 156) esclarece que na agricultura o dever dos fiscais era andar pelos campos e verificar como os guaranis desenvolviam os trabalhos: “[...] percorrer os campos e verificar se aí se trabalha, se faz a sementeira e a colheita a tempo e horas, se tomam medidas para fazer durar a provisão de cereais que se recolhe até o ano seguinte, enfim, se os animais são bem tratados”. O autor revela que aqueles que eram pegos na falta sofriam corretivos com severidade. A punição e o castigo eram utilizados pelos “padres colonizadores” pedagogicamente, ou seja, como estímulo externo para a manutenção da disciplina. Na visão inaciana o homem era um ser débil por natureza, e se o deixassem agir por si mesmo dificilmente se manteria reto. Tal procedimento sintetiza, de certa forma, uma prática pedagógica que não era apenas jesuíta, mas que se consolidou com a Companhia de Jesus, a

metodologia foi sistematizada no *Ratio Studiorum*². A disciplina e o castigo em suas diversas formas e graus de severidade eram colocados como ponto central na formação dos novos catecúmenos. Em relação às punições o *Ratio* estabelecia desde repreensões verbais até castigos físicos, porém os castigos físicos tinham que ser executados por alguém de fora da Companhia de Jesus.

A partir das informações elencadas podemos chegar à seguinte conclusão, que nas reduções jesuíticas, o indivíduo era abstraído do tempo de sua vida. A escola inseriu as crianças guarani numa rotina de aprendizados e tarefas a serem cumpridas. A criança era adestrada para participar nas diversas instâncias do sistema de produção. O tempo de sua vida infantil foi adaptado dentro das prerrogativas das atividades que ele devia realizar na escola, na igreja e fora dela. Seu caráter foi moldado por meio de vicissitudes de castigos e recompensas. De acordo com Bruxel (1978, p.11): “Tinha o guarani, em suma, muitas qualidades naturais favoráveis ao cristianismo, mas tinha também não poucas disposições que lhe eram adversas. As primeiras foram prudentemente aproveitadas; as últimas, paulatinamente corrigidas, com abnegada paciência e vigilância”. O estatuto pedagógico jesuíta era composto de um conjunto de procedimentos que envolviam desde a organização escolar e orientações pedagógicas até a observância do dogma católico. Depois, quando ocorre a inserção do indivíduo no trabalho do campo ou nas incipientes manufaturas, este serão uma expansão do que a escola jesuíta previamente preparou. Seu tempo, terminantemente, não lhe pertencerá. Conclusões corroboradas por Lugon (1977), Charlevoix (1747) e Seep (1980), revelam que após a criação das reduções, e o abandono da vida nômade, os guaranis tiveram de renunciar a seu modo de produzir e reproduzir a sua existência, fundamentados na caça, pesca e no extrativismo. Nas reduções essa prática ancestral deu lugar a um novo paradigma fundamentado na agropecuária e na manufatura. Os autores afirmam que as condições existentes nos territórios ocupados eram extremamente favoráveis ao desenvolvimento da agricultura. Logo, a riqueza do solo e o clima facilitaram além do incremento agrícola, também o artesanato e a pequena manufatura que foram inseridos aos poucos, principalmente o trabalho com cerâmica e com a madeira. Meliá (1991) esclarece que os Guaranis tinham uma longa experiência nos ofícios manuais, principalmente na fabricação de armas de guerra (arcos, flechas, lanças, bordunas, etc.) e de

² Conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica ganhou *status* de norma para toda a Companhia de Jesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas. Para seu estudo é obrigatória a leitura da tradução do documento para o português, feita pelo padre jesuíta Leonel FRANCA (1952).

canoas para os conduzirem pelos rios. A confecção de alguns ornamentos de plumas, a cerâmica e o trabalho com o couro era uma técnica dominada por centenas de anos por parte dos indígenas.

Seep (1980) afirma que quando da chegada dos jesuítas, eles tinham encontrado pequenas plantações de milho, mandioca, batata-doce. Logo introduziram a cultura do trigo, cevada, arroz, cana-de-açúcar, algodão, fumo e o cânhamo. Dois fatores foram fundamentais para o desenvolvimento da agricultura nas reduções jesuíticas. O primeiro fator é que o povo Guarani historicamente de acordo com Meliá (1991) eram hábeis agricultores, que sabiam explorar eficazmente a terra, cujas árvores derrubavam e queimavam, e após algum tempo plantavam neste local, maiz, mandioca, legumes e outros cultivos. O segundo aspecto foi à técnica trazida pelos europeus fazendo com que a antiga economia Guarani fundamentada na reciprocidade fosse substituída por uma nova relação assentada na propriedade, provocando uma mudança de perspectiva.

Ao inserir a nova forma de trabalho, os jesuítas introduziram técnicas europeias para a produção de mercadorias. Um exemplo significativo da introdução das novas técnicas foi a construção de canais de irrigação que levava água aos campos. De acordo com Lugon (1977, p. 122) “[...] os canais se prolongavam até as lavanderias comunitárias e aos grandes viveiros hortícolas das reduções. O leito dos canais era constantemente pavimentado e as máquinas hidráulicas extraíam a água dos rios”. A síntese de boas terras, hábeis agricultores e as inovações técnicas trazidas pelos europeus fez com que a produção agrícola tivesse grandes resultados. Lugon (1977) descreve o processo esclarecendo que os padres possuíam livros de agricultura trazidos da Europa. Nessa relação com a cultura Guarani criou com a sua própria experiência em síntese com o conhecimento indígena uma ciência agrícola aplicada. Os êxitos no campo foram anotados, cuidadosamente classificados e conservados. Também foram concebidas e criadas ferramentas apropriadas. O milho formava a base da alimentação junto com o centeio, o trigo, o arroz e dava até quatro colheitas ao ano, e era um dos produtos também comercializados externamente. Lugon (1977, p. 125) informa que “[...] a colheita do algodão anual era em média de duas mil arrobas de onze quilos e meio por cada redução”. Seep (1980) afirma que na nova redução de São João tinham sido plantados cem mil pés de algodão no primeiro ano. Dois anos mais tarde existiam trezentos mil que produziam mais de quatro mil quintais de algodão. Lugon (1977, p. 21) assevera que “[...] a produção de cana-de-açúcar, cuja prosperidade pode ser vista pela quantidade de açúcar branco armazenada na redução de Santa

Rosa em 1695: duzentos quintais de açúcar branco”. Outra mercadoria produzida para a exportação era o vinho, sendo que as reduções do Uruguai exportavam vinho para Buenos Aires, Assunção e Rio da Prata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas reduções os habitantes foram sendo moldados gradativamente de acordo com a função social que ocupariam dentro do sistema de produção. A disciplina imposta ao corpo também era minuciosa. O controle da produção e do tempo foi instaurado graças a uma política de educação para o trabalho. O poder econômico que se instaurou na redução se deu a partir produção agrícola, da erva-mate e da criação de gado, e, entrelaçado a produção material, gerou um poder político. Que pode ser comprovado quando da distribuição do produto do trabalho do guarani reduzido. De acordo com as cartas do padre Andrés Rada (2010) eram os jesuítas que tinham o controle na distribuição dos bens básicos para a subsistência.

Neste novo espaço social a educação teve um caráter profissionalizante (educação para o trabalho), e ao mesmo tempo repressor, através do qual se procurou incutir nos indígenas certo número de princípios, que aberta ou disfarçadamente eram comuns a todos os membros da sociedade dominante. A imposição não se deu de maneira pacífica e muitos indígenas resistiram a esse processo. A despeito de tais divergências, tais princípios se sedimentaram na base do que se denominou de processo “civilizatório”.

Neste caso a “socialização” foi o processo por meio do qual o guarani tornou-se membro da “nova sociedade” que estava se instituindo. Para se considerar componente da “coletividade” colonial paraguaia, o guarani teve que forçadamente abrir mão de sua autonomia fisiológica, em favor do controle social da redução. O seu comportamento no espaço social da redução deveria na maior parte do tempo seguir as novas rotinas cultural e socialmente estabelecidas. Neste sentido o aspecto pedagógico ganhava um sentido mais amplo que a simples educação escolar penetrava em todos os espaços da vida. O conteúdo da *práxis* inaciana e a forma de implantação desse processo variavam de acordo com a região de atuação.

REFERÊNCIAS

ALVES Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea.** Campo Grande: UFMS/Campinas: Autores Associados, 2011.

AGNOLIN, Adone. **O apetite da antropologia, o sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá.** São Paulo: Humanitas, 2005.

ARÉCO. Silvino. **Companhia de Jesus: a ação jesuítica e a gênese do capitalismo.** A encruzilhada ética entre Deus e o lucro. 1. Ed. Saabrücken, Deutschland/Niemcy: Novas Edições Acadêmicas, 2016. 452 p.

_____. **A acumulação primitiva nos domínios ultramarinos: educação e trabalho nas reduções jesuíticas do Paraguai (1549-1767), o caráter singular e o universal.** 1. ed. Campo Grande: <https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/download/1239/cursoId:76>, 2013. v. 1. 372p.

_____. **Homens de Negro (s): a epopeia jesuítica na América Colonial.** 1. ed. saabruckren-Alemanha: Nova Edições Acadêmicas, 2014. 243 p.

COUTINHO, M. Inês. **A Resistência pelo Estético: Imaginária Guarani nas Missões Jesuíticas no Brasil.** Dissertação de Mestrado em História Ibero-americana, PUC/RS, 1996.

CUSTÓDIO, L.A.B. **Missões Jesuítico Guarani.** In: *Jornal do Margs*, n.55. Porto Alegre: Palloti, 2000.

DUVERGER, Christian. **La conversión de los indios de la Nueva España. Con el texto de los Coloquios de los Doce de Bernadino de Sahagún (1564).** México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

EMIRI, Loretta. MONSERRAT, Ruth. **Aconquista da Escrita: Encontros de Educação Indígena.** São Paulo: Iluminuras, 1989.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”.** Rio de Janeiro: Agir Editora, 1952.

FURLONG, Guillermo. **Alonso Barzana s.j. y su “Carta a Juan Sebastián” (1954).** Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1968.

_____. **Antonio Sepp, s.j. y su “Gobierno Temporal” (1732).** Buenos Aires, 1962.

_____. **Bernardo Nusdorffer y su “Novena Porte” (1760).** Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1971.

_____. **Diego Leon Villafañe y su “Batalla de Tucuman” (1812).** Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1962.

_____. **Dos Jesuitas y la cultura rioplatense.** Montevideo: Impresores Urta y Curbelo, 1933.

_____. **José Manuel Peramás y su “Diario Del Destierro” (1768).** Buenos Aires: Librería Del Plata, S.R.L, MCMLII.

_____. **Juan de Escandón s.j. y su “Carta a Burril” (1760).** Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1965.

_____. **Los Jesuitas y la Educación Primaria, Secundária y Universitária em Buenos Aires.** In: *Estúdios*, n. 59, p. 513-536, 1938, 3 fac-similes.

_____. **Nicolas Mascardi s.j. y su “Carta – Relación” (1670).** Buenos Aires: Ediciones Theoria, 1963.

_____. **Misiones y Sus Pueblos de Guaranies.** Buenos Aires: ed. Pousadas, 1978.

HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no Tempo das Missões.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

KOSTIANOVSKY, Olinda M. **El artes dramático en las reducciones jesuíticas.** In: *Missões Guaraní, impacto na sociedade contemporânea.* São Paulo: Educ/FAPESP, 1999. p. 353-363.

LACOUTURE, Jean. **Os jesuítas: 1. Os Conquistadores.** Porto Alegre: L e PM, 1994.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos e outros textos escolhidos.** Coleção "Os Pensadores". Tradução: José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MELIÁ, Bartomeu. **Una Nación dos Culturas.** 4.ed. Assunción: CEPAG, 1997.

_____. **El Guaraní Conquistado y Reducido: ensayos de etnohistoria.** Biblioteca Paraguaya de Antopologia. v.V. Assunción: Ceaduc, 1986.

_____. **El Guaraní: experiência religiosa.** Assunción: CEPAG, 1991.

MELIÁ, Bartomeu. TEMPLE, Dominique. **El don, la venganza: y otras formas de economia guaraní.** Assunción: CEPAG, 2004.

NUNES, Benedito. **O Universo Filosófico e Ideológico do Barroco.** In: *Barroco12.* Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 1982-3.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e jesuítas - Na Utopia do Prata.** Bauru: Edusc, 2000.

SAVIANI, Demerval. RAMA, G. WEINBERG, G. **Uma História da Educação Latina Americano.** Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, Demerval. **Educação e Colonização: as ideias pedagógicas no Brasil.** In: *Histórias e Memórias da Educação no Brasil.* v.I. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho. **Educação e Sociedades tribais.** Porto Alegre: Movimento, 1975.

III Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação

10 a 13 de setembro de 2019 | Naviraí - MS



SEPP, Antônio. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**. Trad. A. Raymundo Schneider. Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980.